

**O Turismo como instrumento ideológico velado:
as sombras da ditadura militar na promoção turística brasileira**

**Tourism as a veiled ideological instrument:
the shadows of the military dictatorship in Brazilian tourism
promotion**

Breno Montserrat

Bacharel em Turismo pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-1236-5626>

E-mail: brenommontserrat@gmail.com

Ana Paula Guimarães Santos de Oliveira

Doutora em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

Professora Adjunta IV - Geociências - Turismo/UFMG – MG, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5856-9724>

E-mail: anaguimaraess@ufmg.br

Resumo

Uma imagem vale mais que mil palavras, é o que muitos costumam dizer. Entretanto, na presente pesquisa tal afirmação passa a ser questionada. O trabalho parte do contexto de retomada das políticas públicas voltadas ao turismo, em plena ditadura civil-militar de 1964, com a criação da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) em 1966. Em meio a um cenário fascista de brutalidade, censura e opressão, uma nova atividade surge, com a promoção de um país belo e descolado da realidade. Partindo da premissa que o turismo estava alinhado e foi utilizado como ferramenta para reforçar o discurso da ditadura, marcadamente o discurso da integração nacional, foi analisado um folder promocional da região Nordeste. Esta região, que juntamente com a Amazônia, por muitos anos foram as localidades mais divulgadas pela EMBRATUR. O objetivo foi compreender como as sete imagens que compõem o material promocional selecionado foram utilizadas para fomentar a ideologia pregada pelo regime militar, evidenciando o que elas escondem e a mensagem que desejam transmitir. As imagens foram analisadas considerando sua forma de conteúdo, como proposto por Mauad (1996) e os três elementos que constituem uma fotografia segundo Kossoy (2001), o assunto, o fotógrafo e a tecnologia. Como resultado, evidencia-se a utilização do turismo com forte viés ideológico, utilizado na construção da narrativa de uma identidade nacional. As fotografias promocionais do Nordeste apontam para a ideia de miscigenação pacífica

entre indígenas, negros e brancos, constituindo o que seria uma “brasilidade”.
Palavras-chave: Turismo. Ideologia. Fotografia. Ditadura. EMBRATUR.

Abstract

A picture is worth a thousand words, as many people say. However, this statement is being questioned in this study. The study is based on the context of the resumption of public policies aimed at tourism, during the civil-military dictatorship of 1964, with the creation of the Brazilian Tourism Company (EMBRATUR) in 1966. Amidst a fascist scenario of brutality, censorship and oppression, a new activity emerged, with the promotion of a beautiful country that was detached from reality. Based on the premise that tourism was aligned with and used as a tool to reinforce the discourse of the dictatorship, particularly the discourse of national integration, a promotional folder for the Northeast region was analyzed. This region, together with the Amazon, was for many years the most publicized locations by EMBRATUR. The objective was to understand how the seven images that make up the selected promotional material were used to promote the ideology preached by the military regime, highlighting what they hide and the message they intended to convey. The images were analyzed considering their content, as proposed by Mauad (1996) and the three elements that constitute a photograph according to Kossoy (2001): the subject, the photographer and the technology. As a result, the use of tourism with a strong ideological bias is evident, used in the construction of the narrative of a national identity. The promotional photographs of the Northeast point to the idea of peaceful miscegenation between indigenous people, blacks and whites, constituting what would be a “Brazilianness”.

Keywords: Tourism. Ideology. Photography. Dictatorship. EMBRATUR.

1 INTRODUÇÃO

Uma imagem vale mais que mil palavras, é o que muitos costumam dizer. Entretanto, na presente pesquisa tal afirmação passa a ser questionada. O turismo é um fenômeno de magnitude global que resulta da articulação entre relações sociais, econômicas, culturais, ambientais, políticas e simbólicas (Fragelli, Irving e Oliveira, 2020), e possui a imagem como matéria-prima para fomentar sua atividade (Urry e Crawshaw, 1995), ou seja, impulso do desejo. As imagens são os principais insumos para estabelecer uma conexão inicial com o turista, pois elas agem como estímulo sensorial associado ao campo mental, objeto do marketing. A partir delas, pode-se criar desejo, curiosidade, aversão, entre diversas possibilidades. As imagens utilizadas na promoção turística transmitem parcialmente a realidade de um destino, podendo até serem utilizadas como forma de maquiar outras situações.

Desenvolvida no mesmo contexto do turismo, a fotografia apresentou expressiva influência no fortalecimento da atividade turística. Sontag (2004) aponta a introdução das câmeras fotográficas no cotidiano das famílias, e como essas passaram a ser um instrumento de celebração da vida familiar, presente também nas viagens. Assim, viajar sem fotografar se tornava cada vez menos comum, proporcionando através da circulação das imagens o conhecimento por diferentes regiões. Mas não somente de fotografias amadoras de turistas a atividade se fortaleceu. Para criar o desejo na população, foi-se desenvolvendo estratégias de comunicação turística, onde destinos eram retratados em fotos, cartões-postais, filmes, etc, construindo um imaginário e aguçando o olhar do turista (Urry, 2001).

O presente trabalho se insere no contexto de profissionalização das imagens para promoção turística no Brasil. Inicialmente por meio do Decreto-Lei 55, de 18 de novembro de 1966, que define uma política nacional para o turismo, a criação da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) e do Conselho Nacional de Turismo (CNTur), interligados ao Ministério da Indústria e Comércio. Mas é a partir da década de 70 que os marcos legais se direcionam para o fomento da atividade. Esse momento marca a retomada das políticas públicas voltadas ao turismo.

Por outro lado, recuperando a história, neste período o país vivenciava uma ditadura civil-militar iniciada em 1964. Neste contexto, a expectativa de crescimento econômico aliada ao discurso de geração em emprego e renda guiaram o turismo de 1971 até os primeiros anos da década de 80 (Endres, 2012). Em alguns momentos de modo paradoxal e em outros uma clara estratégia de governo, o turismo foi escolhido como nova atividade a ser fomentada no país. Santos Filho (2008a) resalta que em meio a um cenário fascista de brutalidade, censura e opressão, uma nova atividade emerge, com a promoção de um país belo e descolado da realidade, no intuito de esconder os horrores da ditadura e naturalizar o discurso ufanista, sob a doutrina da segurança nacional.

Esta pesquisa retoma materiais que compuseram o acervo de promoção do Brasil durante a ditadura, no intuito de investigar o que essas imagens comunicam e quais mensagens elas escondem. Tomou-se como fonte um folder da região Nordeste, que fez parte da promoção turística da EMBRATUR em 1973, o Ano Nacional do Turismo. A região Nordeste, juntamente com a Amazônia, por muitos anos foram as localidades mais divulgadas pela EMBRATUR, sob a justificativa de integração nacional. O ano de 1973 foi instituído como o Ano Nacional do Turismo, sob a afirmativa que o turismo chegou ao país para ficar. O objetivo era “atrair o turista em potencial, numa campanha de conscientização e despertar turístico” (CEBITUR, 1973 apud Alfonso, 2006, p.51), visando principalmente o mercado internacional. Nesta direção, a fonte selecionada constitui uma síntese do momento, em que o turismo estava em seu auge, e as ações de fomento estavam fortemente direcionadas para a região Nordeste. A seleção intencional de apenas um folder objetivou adentrar nas temáticas ali envolvidas para compreender possíveis relações com a ideologia do regime militar.

O presente trabalho foi realizado sessenta anos após o movimento que deu início a ditadura civil-militar, um regime que mudou para sempre a história deste país. E em um momento que também se tornará histórico, pois persistem intenções para criar novas narrativas distorcidas da realidade brutal daquele período histórico e cinzento do país, para dar vazão a interesses ideológicos e repletos de disfarces em busca de poder e dominação. Por isso, resgata-se o material produzido pela EMBRATUR, no intuito de estudar uma história muitas vezes apagada, mas que os registros da época permitem retomar, possibilitando analisar o contexto em que foram produzidas e elucidar o seu objetivo bem como intenções não declaradas. A história não deve ser apagada, o turismo é um fenômeno influenciado pelo espaço e tempo em que está inserido, e ao estudar seu desenvolvimento no Brasil, nota-se que seu passado está intrinsecamente ligado a um regime ditatorial e deve, também, ser analisado sob este aspecto.

Como retratado por Silva (2005), observamos que todo discurso carrega uma ideologia, e nenhum discurso pode ser analisado sem ser considerado o seu contexto. O mesmo ocorre com as fotografias e todo o material promocional desenvolvido. Sendo transmitido um discurso que tem como objeto representar as ideias do sistema dominante na estrutura social, as imagens não falam por si só, sendo necessário lançar perguntas. Sendo assim, questiona-se: quais as mensagens declaradas e não declaradas estão

vinculadas às sete imagens que compõem o folder da região Nordeste da EMBRATUR em 1973? É possível perceber vinculações com a ideologia pregada pelo regime militar?

2 TURISMO E FOTOGRAFIA

Durante a Primeira Revolução Industrial, no século XVIII, a Europa passou por diversas mudanças, como o inchaço das cidades, a exploração do proletariado, dentre diversas outras transformações econômicas e sociais. É neste contexto que desponta a fotografia na década de 1830, após diversos pesquisadores já trabalharem no objetivo de fixar a imagem da câmara escura, Niepce e Daguerre alcançaram o feito (Sontag, 2004). A nova invenção emerge então como uma ferramenta de informação e conhecimento, que rapidamente se tornou alvo de investimento do Estado, expandindo o seu alcance.

A partir desse momento, as fotografias passam a ser multiplicadas e como relatado por Kossoy (2001), o mundo se torna de certa forma familiar, onde diversas realidades passam a ser representadas, não somente por meio da literatura, pintura ou de forma oral. As paisagens, as arquiteturas, as tradições, passam a ser documentadas, possibilitando o conhecimento de diferentes realidades, transformando o mundo em portátil e ilustrado. Esse momento marca, portanto, o início de uma revolução da informação, sob a crença na verdade que as imagens transmitem, e a possibilidade de aproximação entre diferentes partes do mundo. Sendo a imagem captada definida como

reflejos de existencias/ocurrencias, conservados, congelados por el registro fotográfico. Contenidos que despiertan sentimientos profundos de afecto, odio y nostalgia en algunos; y exclusivamente medios de conocimiento e información para otros que los observan libres de pasiones, estén próximos o apartados del lugar y de la época en que aquellas imágenes tuvieron su origen . (Kossoy, 2001, p. 22)¹

Com isso, se tem o marco de dois momentos importantes para a fotografia e o turismo: a industrialização da sociedade, com o processo de produção em massa e a utilização da fotografia como ferramenta de informação e documentação e, também, como registro histórico. Crary (2012) aponta para a necessidade de compreender o papel da fotografia na transformação de um território, com a circulação e proliferação de imagens e signos. Nesse sentido, o autor mostra o uso da fotografia, transportando todo o público para uma realidade que antes não havia sido vivenciada ou nem mesmo imaginada. Por isso, a fotografia foi um elemento que revolucionou o conhecimento, rompendo barreiras, criando desejos e sendo uma moeda dentro do sistema capitalista, como retratado:

Nos dê alguns negativos de uma coisa que valha a pena ver, tirado de diferentes pontos de vista, e isso é tudo o que queremos dessa coisa. Pode destruí-la ou queimá-la, se desejar [...]. Existe apenas um Coliseu ou um Panteão; mas quantos milhões de potenciais negativos eles espalharam - representantes de bilhões de imagens - desde que foram erguidos. A matéria nos grandes blocos precisa ser fixa e cara; a forma é barata e transportável [...] (Trachtenberg, 1980, p. 80 *apud* Gunning, 2004, p. 39)

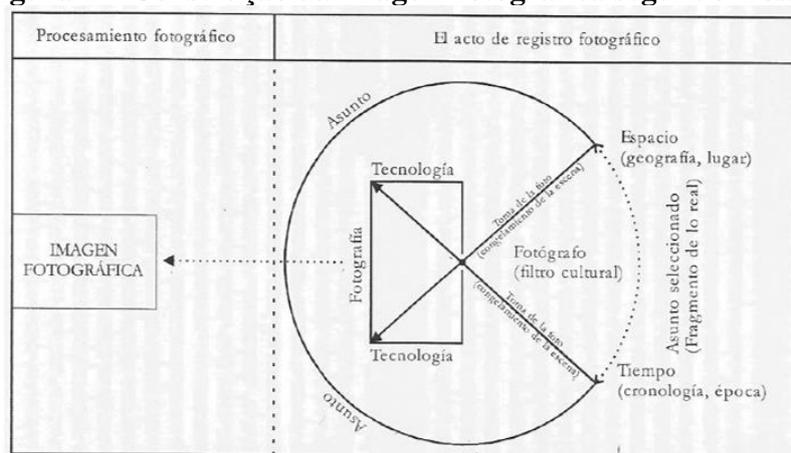
¹ reflexos de existências/acontecimentos, preservados, congelados pelo registro fotográfico. Conteúdos que despertam sentimentos profundos de afeto, ódio e saudade em alguns; e exclusivamente um meio de conhecimento e informação para outros que as observam livres de paixões, estejam eles próximos ou distantes do lugar e do tempo em que aquelas imagens tiveram sua origem, tradução dos autores.

Os primeiros estudos e compreensões acerca da fotografia apresentam a compreensão da mesma enquanto representação do real, afinal há uma verossimilhança entre os objetos retratados e a imagem registrada. O novo instrumento se afasta das artes que dependem da interferência e subjetividade humana, como o caso da pintura, estaria a fotografia então isenta da ação do homem, sendo ele apenas o operador da máquina. A fotografia satisfaz então a necessidade do ver para crer (Dubois, 1998), em que ao retratar exatamente a realidade dos objetos não poderia ser questionada, se constituindo como uma prova. Essa percepção se estabelece também no senso comum, sendo necessário revisitar essa visão e acompanhar os novos estudos para além da mimese fotográfica, crítica que se fortalece a partir dos estudos de fotografia na década de 1920.

Seria a fotografia o verdadeiro reflexo da realidade, incapaz de apresentar manipulações humanas? É o que Kossoy (2001) contesta em sua obra, *Fotografia e História*. Para o autor, a fotografia, produto final, possui três elementos constitutivos: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia. A materialização da imagem só é possível com a definição do tema que se deseja tratar, a presença do fotógrafo, que funciona como filtro cultural, e das técnicas utilizadas. O autor ainda pontua sobre a interferência do tempo e espaço em que a obra é produzida, o que influencia diretamente no que será retratado, uma vez que influencia também o fotógrafo.

“Entre el asunto y su imagen materializada hubo una sucesión de interferencias a nivel de la expresión, alterando la información primera”² (Kossoy, 2001, p. 42). O fotógrafo, ou a entidade para quem ele opera, é assim o primeiro filtro cultural, onde sua realidade é imprimida na obra, não sendo possível, segundo o autor, a construção de uma fotografia sem transmitir a ideologia e visão de quem a capta. Dubois (1998) reafirma tal questão ao dizer que “a caixa preta fotográfica não é um agente reprodutor neutro, mas uma máquina de efeitos deliberados” (Dubois, 1998, p. 53). Evidencia-se que não há a existência de fotografias neutras, todas contêm uma dimensão ideológica, que parte de quem a registra. Nesse sentido, o contexto espacial e temporal que a obra é produzida também não podem ser desconsiderados, uma vez que incidem diretamente no produto final. Kossoy (2001) resume todos esses fatores do processamento fotográfico para a materialização da imagem no seguinte quadro

Figura 1 – Construção da imagem fotográfica segundo Kossoy



Fonte: Kossoy, 2001.

² Entre o assunto e a sua imagem materializada houve uma sucessão de interferências ao nível da expressão, alterando a primeira informação, tradução dos autores.

Dessa forma, seria ingênuo pensar em fotografias como produções livres de ideologia e sem servir a um propósito específico. A partir dessa compreensão inicial, pode-se questionar em que grau as fotografias são de fato a representação de uma realidade e se realmente valem mais que mil palavras. Kossoy (2001) apresenta o exemplo de Roger Fenton na Guerra da Crimeia em 1855. Estando a serviço do governo, o fotógrafo capta apenas cenas atenuadas e parciais do que acontecia, sem documentar os grandes horrores da guerra. A fotografia retrata então apenas fragmentos da realidade, sendo selecionada e organizada de forma ideológica (Kossoy, 2001), tornando necessário o estudo do seu contexto de produção para entender a sua finalidade.

Para além do exemplo de Roger Fenton na Guerra da Crimeia, tem-se outros casos do uso da fotografia enquanto estratégia de manipulação e instalação de uma ideologia por parte do poder público. Cunha (2008) retoma sobre a utilização da fotografia e do cinema como as novas armas para sustenção e fortalecimento do discurso nazista em uma Alemanha fragilizada após a Primeira Guerra Mundial. A mudança do cinema mudo para o falado e o uso das propagandas operaram como forma de dominação em massa, garantindo a disseminação da ideologia antisemita e nacionalista. Leni Riefenstahl foi uma cineasta deste período, que trabalhou aliada ao Partido Nazista para promoção da imagem de Hitler como grande líder e para criar narrativas que justificassem este sistema. Para além da violência, a comunicação já passava a ser entendida como nova ferramenta de dominação em massa (Cunha, 2008).

Neste contexto, a ideia de civilização da imagem de Barthes (2006), se faz importante, uma vez que o autor retrata o processo de naturalização que os discursos da mídia carregam, escondendo as verdadeiras intenções. Devido à grande reprodução que as imagens adquiriram, elas se tornaram um elemento comum no cotidiano, proporcionando o intercâmbio de diversas informações, sendo utilizada também de forma estratégica. Em *Mitologias* o autor critica o caráter que a comunicação em massa obtém, com a reprodução de código nas mídias, que carregam fortemente um discurso ideológico. Assim, pela força que a comunicação visual possui, com a popularização da fotografia, ela passou a ser utilizada de forma a influenciar a população, perpetuando diferentes discursos. Portanto, torna-se claro que toda imagem possui uma finalidade específica, em que ela foi criada para atender, sendo recebida por espectadores, que a interpretam de diferentes formas, segundo seu contexto social, econômico, ideológico, etc.

Assim como a fotografia não pode ser tida como objeto livre de ideologia, o turismo também não. A princípio o fenômeno foi vislumbrado pelo seu forte potencial econômico, criando-se uma visão reducionista da atividade, que se não analisada por completo estaria, assim como o capitalismo, cavando sua própria cova. Marx e Engels (2005) já apontavam a estratégia capitalista da criação de novos desejos e formas de satisfação, que não seriam mais supridas por produtos nacionais, mas sim por um intercâmbio universal, devido ao fascínio por regiões longínquas e de clima diverso. Esse desejo passa a ser fomentado a partir da reprodução em massa desses destinos, principalmente pela fotografia.

O turismo é uma atividade que possibilita estabelecer conexões entre o local e o global, mas apoiar suas bases nas estruturas do capitalismo apenas inviabiliza a compreensão e análise da complexidade deste fenômeno (Santos Filho, 2010) que “tem como motor as práticas sociais em seu tempo sócio-histórico” (Beni e Moesch, 2016, p. 27). Depreende-se que o turismo em sua complexidade se alicerça sob um amálgama entre tempo, espaço, diversão, economia, tecnologia, imaginário, comunicação, ideologia, hospitalidade que fundamentam o fenômeno. Assim, o desenvolvimento do turismo é condicionado ao cenário em que ele está inserido, podendo ser utilizado de diferentes formas.

Reestabelecendo conexão com a história, o turismo e a fotografia ascendem no decorrer do século XX, entretanto, são poucos os estudos que aproximam a história dessas áreas. Ambos atravessam o século XX se consolidando e construindo novas formas de consumir o mundo. Sontag (2004) retrata como essas atividades se entrelaçam, à medida que a câmera se torna um objeto mais popularizado e se insere também nas viagens. Para a autora, a viagem se tornou um momento de acumular fotos, com a criação de um ritual de “pare, tire uma foto e siga em frente” (Sontag, 2004, p. 11). Um novo vício surge na sociedade, a necessidade de realçar as experiências por meio de fotos, em que um momento só existe se fotografado

... a fotografia desenvolve-se na esteira de uma das atividades modernas mais típicas: o turismo. Pela primeira vez na história pessoas viajam regularmente, em grande número, para fora de seu ambiente habitual, durante breves períodos. Parece decididamente anormal viajar por prazer sem levar uma câmera (Sontag, 2004, pp. 19-20).

Para além do consumismo estético, turismo e fotografia se aproximam enquanto instrumento de uma operação capitalista. Ambos se inserem em um jogo onde são capazes de criar discursos e formar organizações. As fotografias de viagens criam novos desejos, movimentam a economia e estabelecem hábitos a serem replicados pelos turistas ao realizarem as viagens. O desejo de conhecer e registrar está inserido em um sistema de conquistas, que é influenciado pelos avanços da modernidade ao mesmo tempo em que molda novos padrões de comportamento (Sontag, 2004).

Com a reprodução de fotografias em massa, novas maneiras de perceber o mundo são evidenciadas (Gastal, 2005). Para o turismo as imagens disseminadas neste movimento se tornam condição indispensável, pois agem como instrumento de motivação para os sujeitos que viajam. A importância desse elemento visual é reforçada por Urry e Crawshaw (1995), ao afirmarem que a fotografia faz parte da economia dos signos do século XX, ganhando materialidade nas subjetividades. Assim, os autores reafirmam a força do consumo visual no turismo, que apesar de não ser a única forma de comunicação, é uma das principais.

Alinhando as compreensões de Kossoy (2001) quanto a presença de um discurso carregado de ideologia nas fotografias, as de Beni e Moesch (2016) ao tratar o turismo como reflexo do tempo sócio-histórico em que está inserido, e as de Santos Filho (2008a e 2008b) ao considerar as implicações do contexto da ditadura civil-militar de 1964 no turismo, será analisado um folder da região Nordeste, promovidos pela EMBRATUR em 1973, o Ano Nacional do Turismo. No presente cenário estudado, tem-se o fomento ao turismo em meio contexto político-social assolado pela supressão dos direitos humanos.

O desenvolvimento do trabalho científico se refere a “[...] parte principal do artigo, que contém a exposição ordenada e pormenorizada do assunto tratado”. O texto pode ser dividido em seções e subseções (NBR 10520:2023), no intuito de delimitar as partes relevantes sobre a temática abordada.

3 METODOLOGIA

O presente estudo apresenta uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e interpretativa, uma vez que objetiva uma melhor compreensão das áreas e temáticas que fazem parte do argumento aqui defendido, de forte caráter interpretativo. Para isso, a metodologia consiste em duas partes principais, sendo a primeira a pesquisa bibliográfica,

que segundo Gil (1989) auxilia na investigação da cobertura do fenômeno, e uma análise documental, com o levantamento de materiais promocionais produzidos pela EMBRATUR e dos marcos legais do turismo durante a ditadura.

A primeira etapa, pesquisa bibliográfica, foi parte central para que a partir desse processo fosse possível delimitar as correntes e pensadores principais, bem como a melhor delimitação do tema a ser analisado. A pesquisa bibliográfica se deu a partir do levantamento de livros, artigos, monografias, dissertações e teses através das ferramentas Google Acadêmico e Portal Periódicos Capes, por meio da busca de palavras-chave “turismo e ditadura”, “turismo e fotografia”, “promoção turística e ditadura militar”. A partir dessa busca, evidencia-se que os estudos que vinculam o turismo à ditadura ainda são escassos, os de Alfonso (2006) e Santos Filho (2006, 2008a 2008b e 2010) são os que abordam essa temática de forma mais completa e crítica, sendo o principal referencial quanto a essa temática. Já no campo da fotografia, Kossoy (2001) traduz a ideia central da pesquisa, com a análise da fotografia para além de uma mimese do real.

A segunda etapa da metodologia, envolveu a pesquisa documental, que muito se assemelha à pesquisa bibliográfica. Uma vez que é proposto a retomada de material promocional desenvolvido pela EMBRATUR durante a ditadura civil-militar, a pesquisa documental se torna indispensável. Para coleta das fontes de pesquisa, e seleção da que seria analisada foi realizado contato com Alfonso, que em sua dissertação trata sobre a forma como a EMBRATUR moldou uma imagem da nação brasileira. Ao solicitar, a autora disponibilizou o material para análise e construção do presente trabalho.

Com um universo expressivo de imagens, a primeira etapa consistiu em uma análise fluante com o intuito de explorar o material, e identificação de elementos associados à temática, e que despertaram interesse. Para seleção, o recorte temporal se fez como o principal critério. Os materiais que não possuíam data ou que eram posteriores à ditadura foram descartados. Com este primeiro filtro, o universo da pesquisa foi reduzido principalmente aos folders de cada região brasileira, produzidos em 1973, o Ano Nacional do Turismo, segundo a EMBRATUR. Dentre as regiões brasileiras, optou-se por analisar a região Nordeste, pela forte utilização de suas paisagens e cultura ao longo dos anos como forma de promoção turística do Brasil. Além disso, a escolha pela região também se deu pelo caráter de integração nacional e crença de que o turismo poderia salvar a região, o que foi reforçado durante o regime ditatorial, como retratado por Alfonso (2006).

Para a devida análise das fotografias, realizou-se uma análise da forma de conteúdo da imagem, com o intuito de encontrar o que essas fotografias desejavam comunicar ao público. Como retratado por Mauad (1996) a forma de conteúdo é delineada pelo conjunto de elementos como pessoas, objetos, lugares e experiências que estão presentes na fotografia. Para a devida análise, utilizou-se a estrutura desenvolvida por Mauad (1996), que busca detalhar os elementos que compõem a forma de conteúdo da fotografia, e que abrange os seguintes elementos: a agência produtora, ano, local, tema, pessoas e objetos retratados, atributo das pessoas e tempo (dia/noite). Através desse detalhamento foi possível analisar as fotografias juntamente aos três elementos constitutivos da fotografia definidos por Kossoy (2001), o assunto, o fotógrafo e a tecnologia.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No processo de retomada da imagem faz-se necessário recuperar o contexto de sua produção, historicizando seu registro. Em 31 de março de 1964 irrompe no Brasil um golpe civil-militar, que depõe o governo de João Goulart, instaurando no país uma ditadura que se manteria no país pelos próximos vinte e um anos. Em 1960, a dupla Jânio Quadros e

João Goulart havia sido eleita como presidente e vice-presidente, respectivamente, mas com menos de um ano de governo, Jânio Quadros renuncia, recaindo todas as suas responsabilidades sobre seu vice, Jango.

Pelo seu forte caráter social, Jango sempre foi visto como um ameaça, e não demorou para que um golpe fosse travado para retirá-lo do poder, principalmente frente às suas propostas de reforma agrária, que até hoje tiram o sono da burguesia. As reformas de base eram uma ameaça para a ordem exploratória burguesa, o que levou civis e militares a destituir o presidente, em nome de uma ameaça comunista, que nunca chegou a acontecer na história brasileira. Araújo, Silva e Santos (2013) retratam que sob a defesa de uma “economia brasileira” e da “ameaça comunista” dá-se início a um longo período da história brasileira, não somente com o apoio de militares, mas também a sociedade civil.

Em um cenário de busca por reacender a economia brasileira, o turismo é percebido e apontado como um caminho. Após ter diminuído sua presença entre as políticas de governos com o fim da Era Vargas, a atividade ressurgiu por meio do Decreto-Lei 55, de 18 de novembro de 1966, com a definição de uma política nacional para o turismo, a criação da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) e do Conselho Nacional de Turismo (CNTur), interligados ao Ministério da Indústria e Comércio.

No contexto mundial, o turismo já havia sido colocado como um fator de desenvolvimento econômico e social, principalmente para os países em desenvolvimento, sendo uma forma de emancipação econômica, o que viria a se tornar mais um mito e promessa acerca do turismo (Santos Filho, 2006). Com o Decreto-Lei 55, o turismo se pauta então como uma nova força econômica, baseado na lógica do regime vigente, onde se privilegiava o desenvolvimento de empresas privadas por meio de diversos incentivos fiscais, principalmente com o fortalecimento do trade turístico, pautando a atividade como a mais nova indústria nacional (Alfonso, 2006). Assim, o turismo emerge com o objetivo claro de desenvolvimento econômico do país, mas outras implicações e objetivos podem ser observados. E para entender esses objetivos Santos Filho (2008b) defende a necessidade de entender o turismo enquanto resultado de inúmeras contradições e do sistema em que está inserido, não sendo isento, portanto, de uma ideologia.

Os primeiros esforços da EMBRATUR, ainda no final da década de 60, são voltados principalmente para encontros e reuniões de turismo, com um ideal de estruturação da atividade, criação de um sistema de turismo e definindo os objetivos da atividade. É neste momento que, através dos relatórios oficiais, Alfonso (2006) evidencia que desde o princípio um dos principais objetivos do turismo estaria ligado à integração nacional, como presente no Relatório da Presidência da EMBRATUR de 1967:

o turismo é hoje um programa de integração nacional, cujos elementos participantes, União, Estados, Municípios e sobretudo a iniciativa privada devem trabalhar devidamente entrosados e preparados para vencer as barreiras que porventura possam a ele se antepor. (EMBRATUR. Relatório da Presidência – 1967. Rio de Janeiro, 1968. p. 21 *apud* Alfonso, 2006, p.41)

A década de 1960 contou então com a institucionalização da atividade, mas sua consolidação e promoção se dá propriamente na década de 70, quando o país vivenciava o “milagre econômico”. Para iniciar a década, o ano de 1970 foi definido como o Primeiro Ano Nacional do Turismo, com o desenvolvimento de diversas campanhas, incentivos financeiros e desenvolvimento dos primeiros cursos de turismo (Alfonso, 2006). A partir disso, a atividade turística passa a se profissionalizar e receber maiores investimentos em

infraestrutura, principalmente na área hoteleira. Alfonso (2006) retrata que pesquisas foram realizadas neste período, definindo como público prioritário das ações, o mercado europeu, com a confecção de guias, calendários, revistas e outros materiais promocionais em português, inglês e espanhol. Além da preocupação da tradução do material, o que seria retratado neles era de extrema importância. Seguindo as diretrizes nacionais visando a integração nacional, as regiões da Amazônia e do Nordeste foram por anos objeto das ações da EMBRATUR, pautando o turismo como força de integração nacional.

Alfonso (2006) retoma o processo de institucionalização do ano de 1973 como Ano Nacional do Turismo. A União Internacional dos Organismos Oficiais de Turismo, UIOOT, já havia decretado 1967 como o Ano Internacional do Turismo, 1969 como o Ano Africano de Turismo e 1972 o Ano de Turismo das Américas (EMBRATUR, 1973 apud Alfonso, 2006). Então chegara o momento de o Brasil glorificar seus avanços e criar a consciência de que o turismo chegou para ficar. Para isso, foram realizadas diversas ações como retratado por Alfonso (2006), como a adesão ao Programa “Conheça o Brasil”, a criação de roteiros, a aproximação dos mercados internacionais e a continuidade da produção dos materiais promocionais em diversas línguas, dentre eles os que serão analisados a seguir.

Figura 2 – Folder Nordeste – 1973



Fonte: EMBRATUR, 1973.

O folder é composto por sete imagens e o texto “Na cozinha, a região segue os ensinamentos dos antigos escravos negros, com pratos à base de mariscos e temperos nativos. As receitas foram criadas para agradar aos santos que, assim como seus fiéis, têm amores e apetites”, em tradução livre do espanhol. A partir do diálogo entre texto e imagens analisadas em sua forma de conteúdo, como proposto por Mauad (1996), alguns elementos merecem destaque, pois refletem o discurso e a mensagem que essas imagens desejam transmitir ao leitor, considerando também os elementos constitutivos da fotografia definidos por Kossoy (2001), o assunto, o fotógrafo e a tecnologia.

Em um primeiro momento a atenção se volta para investigar o fotógrafo, ou entidade para quem ele opera, neste caso a EMBRATUR, a qual funciona como primeiro filtro cultural (Kossoy, 2001). Como já retratado, a EMBRATUR foi criada em 1966, em meio a ditadura civil-militar, em um contexto controverso para a promoção do país, uma vez que a realidade interna era de tortura, principalmente em 1973, quando o país ainda vivia os anos de chumbo da ditadura.

Ao investigar a entidade que produziu as fotografias analisadas, compreende-se que ela carrega objetivos para além de fomentar o turismo como novo setor econômico. Santos Filho (2008a) afirma que a EMBRATUR foi utilizada como forma de ocultar a repressão, tortura e assinatura da ditadura. O autor defende que havia um objetivo claro para além dos resultados econômicos. Por trás de toda produção iconográfica e promoção do país, escondia-se a preocupação com a imagem do Brasil no exterior e de construir um discurso nacionalista sobre o que é ser brasileiro. Santos Filho (2008a) afirma:

Nesse processo de “combate ideológico” a EMBRATUR, de 1966 até 1996, tornou-se instrumento da qual a ditadura se serviu para tentar ir de encontro à imagem que a imprensa progressista estrangeira divulgava, denunciando a tortura, a prisão e o assassinato de brasileiros pelos militares golpistas. (Santos Filho, 2008a, p. 6)

Alfonso (2006) também contribui para a discussão, ao retomar relatórios de encontros realizados entre o governo e instituições da área. Nesses debates expostos pela autora, já se identificava a percepção quanto a necessidade de fortalecer uma consciência nacional. Criar um sentimento de ser brasileiro, sentir orgulho do país e se identificar, eram pilares da ditadura militar e encontraram no turismo uma oportunidade de se fortalecer. Todos esses elementos se encontram sob o prisma da integração nacional, que era prezado pelo regime ditatorial. Alfonso (2006) apoiada pelos estudos de Ortiz (1985) retoma sobre como o turismo estava fortemente interligado com o objetivo de integração nacional, que era prezado pelo governo, sob a doutrina da segurança nacional, visando uma hegemonia estatal.

Fica evidente, que a EMBRATUR operou como um instrumento central para manutenção da ideologia do governo vigente, em seu projeto de integração nacional agindo para atenuar a imagem do país externamente, como ressaltado por Santos Filho (2008a) e Alfonso (2006). Assim, a promoção desenvolvida pela EMBRATUR cumpre o propósito de construção de um imaginário que internamente moldava o sentimento de ser brasileiro e externamente visava consolidar uma imagem pacífica do país, ocultando os horrores do regime.

A temática que une todas as imagens em um mesmo material promocional é a representação da região Nordeste brasileira. A análise individual da forma de conteúdo de cada fotografia, conforme proposto por Mauad (1996), revela dois elementos centrais que se repetem ao retratar a região: a culinária e a religião de matriz africana, tidos como elementos que representam a identidade desse povo. Esses dois elementos são habitualmente utilizados pela promoção turística como marcadores das diferenças culturais que elas expressam. Nas imagens, essa representação se dá de diferentes formas. A religiosidade é retratada por meio do registro de mulheres negras, utilizando trajes que são colocados como “típicos” do local, e a culinária com a representação de três pratos diferentes.

No exercício de compreender o porquê da escolha da religião dentre tantos outros elementos para representar a região Nordeste, depara-se com as estratégias de aproximação

da ditadura militar com as religiões de matriz africana. Essa aproximação se deu através de políticas de incentivo, legitimação e reconhecimento da Umbanda (Souza, 2016). A autora destaca que nesse período novas casas foram abertas, e a Umbanda passou a aparecer nos meios de comunicação. Mas essa aproximação e a retratação da religião no material promocional brasileiro não se dá sem explicações, é na verdade mais uma estratégia na construção da identidade nacional, como retratado por Souza (2016).

A religião aparece como mais um peão na narrativa da ditadura. O destaque e reconhecimento das religiões de matriz africana, em especial a Umbanda. Ao associar a religião com o mito da democracia racial³ (Pereira, 2023), e miscigenação, o objetivo era refletir a construção de uma prática “puramente brasileira”, fruto de um falso processo pacífico entre os povos que constituíram o país, como retratado:

É nesse contexto que as leituras sobre o candomblé podem ser percebidas. De um lado, revelam-se paradoxos conceituais sobre tradição/modernidade/primitivo/religião/seita; por outro, um enaltecimento de que ele se constituía como o signo, por excelência, de uma baianidade, e, portanto, passível de ser elevado à condição de exemplo do patrimônio nacional (Santos, 2005, p. 54 *apud* Souza, 2016, p. 25)

Ainda em relação a religião e as fotografias presentes no folder, por outra perspectiva de análise, foi possível perceber o elemento comum a todas - a utilização da figura da mulher. Sabe-se que por um longo período, a presença da figura feminina foi o mote das campanhas de promoção do país estabelecidas pela EMBRATUR. Os resultados desastrosos deste período persistem até os dias atuais, pois muitos estereótipos acerca da mulher brasileira e seus corpos, assim como do Brasil (Alfonso, 2006) foram criados.

No material em análise as mulheres estão aplicadas a um novo cenário. Comumente retratadas em ambientes de praias, dessa vez as mulheres, todas negras, são a representação de uma prática religiosa. Tem-se nas fotografias (Figura 2) a representação de quatro mulheres, a primeira, da direita para esquerda, possui cabelos curtos, pele negra e está despida, carregando apenas seus colares, como um sinal presente do estereótipo acerca da mulher brasileira que estava em construção naquela época. A segunda aparenta ser uma criança, escondida na penumbra, mas que sua vestimenta e acessórios remetem à religiosidade, além de a legenda evidenciar que esses seriam trajes “típicos” da Bahia. Ao lado, tem-se uma sacerdotisa do candomblé, esta negra de pele retinta, com suas vestimentas brancas e guias. Por fim, a última, também negra de pele retinta, possui apenas seu braço e mão em evidência, apoiados na cintura e colocando em destaque mais uma vez a vestimenta branca, característica da religião. Trata-se de quatro representações diferentes, mas que recaem sobre a figura da mulher. Neste caso da mulher negra, mais uma vez reforçando a miscigenação que forma o país e contrapondo os padrões estéticos europeus, como forma de definir uma brasilidade exótica aos olhos do mercado internacional.

O segundo assunto comum nas fotografias foi a culinária com a representação de mariscos, acarajé e pimentas. Realizou-se o mesmo exercício anterior, com a busca do porquê o enfoque na culinária, para elucidar como a temática contribui para a narrativa que se desejava construir. Para essa compreensão, é imprescindível a retomada aos trabalhos de Gilberto Freyre, que desde o início evidencia a temática da culinária, principalmente em sua obra mais célebre, *Casa-Grande e Senzala*, publicada em 1933. A visão freyriana

³ Ideologia fortemente reforçada a partir da publicação da obra “*Casa-grande & Senzala*”, de Gilberto Freyre, em 1933.

defendida na obra e que teve grande impacto e reflexo na sociedade foi a aproximação das temáticas raça e cultura, com a defesa e uma visão positiva e pacífica da miscigenação.

No contexto da obra, o país também passava por um momento de construção de identidade nacional durante a ditadura varguista. Alguns anos depois, os conceitos e visões desenvolvidas por Freyre (2003) são retomados com o mesmo objetivo. Considerando a temática da culinária que sempre esteve presente nas discussões do autor, a mesma era tida como uma síntese da história do país, interligando diretamente as ideias e raça e identidade. Sob a perspectiva de miscigenação pacífica, fortemente criticada pela construção do mito da democracia racial, Freyre (2003) defende que a união entre as três raças, indígena, negro e branco, foram fundamentais para construção de uma culinária tipicamente brasileira.

As contribuições que cada povo realizou para construção dessa culinária seria segundo Freyre (2003) a síntese do Brasil, equivalente a formação da identidade nacional. Há contribuição de cada povo para essa síntese, estando entre as contribuições do povo negro a presença dos temperos, como o caso da pimenta, retratada no material da EMBRATUR (Figura 2). O acarajé, que também consta no material examinado, é igualmente citado pelo autor - “Bem africano é também o acarajé, prato que é um dos regalos da cozinha baiana” (Freyre, 2003, p.563). Mais uma vez evidencia-se que as fotografias que compõem o material promocional brasileiro durante a ditadura não foram selecionadas de forma aleatória, elas carregam mensagens subliminares. Nesta direção, este estudo revela como as imagens selecionadas cumprem o propósito de construir uma identidade nacional apoiada na ideia de miscigenação.

Por fim, foi realizada a análise da tecnologia empregada nas fotografias. Por meio do olhar da forma de conteúdo proposta por Mauad (1996), observa-se que há um padrão nas fotografias, com a centralização nas pessoas e objetos e menos nas paisagens. Isso ocorre pelas temáticas tratadas, que envolvem práticas culturais, mas acarreta em um não reconhecimento do local somente pelas fotografias. Poucas informações são fornecidas acerca das localidades, sabe-se que estão localizadas no Nordeste, mas apenas nos casos da sacerdotisa e da criança na penumbra são identificadas por meio da legenda como prática da Bahia. O que deriva na construção de uma ideia hegemônica de toda a região, sem as peculiaridades e identificação das demais manifestações culturais.

Para além desse fator, cabe ressaltar o intenso uso de sombras e contraste nas fotografias. A partir da análise da iluminação, cria-se a hipótese sobre a aposta em uma ideia de exótico, com a materialização de uma imagem que impacte o leitor. Para evidenciar essa hipótese tem-se o caso da criança na penumbra, que estabelece um ar de mistério acerca de sua existência. Além disso, a sombra evidencia a presença de outra pessoa na sala que não o fotógrafo, se colocando à frente da jovem, o que possibilita diversas outras interpretações que merecem outro estudo aprofundado. Já a sacerdotisa possui o grande contraste entre sua pele negra retinta com a cor branca de seus trajes. Os mariscos constroem uma atmosfera de uma culinária exótica, por não ser facilmente identificado, e causarem certa estranheza em relação a uma culinária tida como clássica.

A partir da compreensão da proximidade entre regimes autoritários e totalitários com o ideal de construção de uma identidade, é percebido que a relação entre e fotografia e turismo não guarda uma retratação do real, mas sim um fragmento, sendo no presente estudo utilizados como instrumento ideológico. Da Silva e Alves (2014) tratam esse momento como sendo “uma representação, uma memória fragmentada das situações, o devir do fluxo e em fluxo, passíveis de interpretações contínuas” (da Silva e Alves, 2014, p. 458). Nesse exercício, tem-se o filtro do que será retratado, como será representado e o que se deseja transmitir com essa representação, atendendo as ideologias de quem fotografa (Kossoy, 2001). Assim, tem-se, portanto, a ideologia do regime militar refletindo no

processo de seleção e montagem das imagens que compõem a promoção do país, que servem aos intuítos de integração nacional, construção de uma identidade nacional e atenuar a imagem externa do país.

Com todas essas discussões e partindo da compreensão de Beni e Moesch (2016) quanto ao turismo ser um fenômeno fruto do tempo e espaço em que está inserido, tem-se uma atividade que é moldada e fomentada conforme os interesses de cada época. Uma das promessas do turismo, principalmente em países que possuem um passado de colonização, é a de ganhos econômicos, alcançando uma independência. Entretanto, a partir das percepções trazidas no presente estudo, foi observado que esse discurso mascara a complexidade do turismo e dos objetivos velados atrelados à prática, que serve também como instrumento ideológico conforme exposto por Santos Filho (2008b). O turismo então enquanto fenômeno sócio-espacial não pode ser analisado sem a contextualização, uma vez que o mesmo se tornou uma moeda no sistema capitalista e passa a ser utilizado para diferentes discursos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo desenvolvido, foi possível aproximar as temáticas turismo e fotografia, considerando principalmente sua gênese comum, e a utilização da fotografia no turismo. Ambas as atividades se fortalecem no século XX, moldadas por um sistema capitalista, na mesma medida que influenciam esse sistema, com a criação de desejos e novas necessidades. A fotografia com sua capacidade de retratar diversas regiões do mundo rapidamente foi absorvida e se transformou na matéria prima para a promoção do turismo, ao conectar o local/destino com o turista potencial.

Foram adicionadas as contribuições de Kossoy (2001) entendendo a fotografia como a materialização de três elementos, o assunto, o fotógrafo e a tecnologia. Tal compreensão foi central para o desenvolvimento da pesquisa, ao revelar que toda fotografia carrega uma ideologia. Com essa compreensão e a de que o turismo é um fenômeno complexo influenciado pelo tempo sócio-histórico em que está inserido, foi possível analisar o material promocional da EMBRATUR selecionado. Afinal, o turismo não é livre de ideologias e as imagens que compõem a promoção turística de um destino também fazem parte de um processo ideológico do regime vigente, apoiado pelo desenvolvimento das políticas públicas.

Através do estudo foi possível realizar um resgate histórico, evidenciado a retomada das políticas públicas do turismo durante a ditadura civil-militar de 1964, fato que não deve ser ignorado na história do turismo brasileiro. Com os materiais levantados, foi possível compreender que o turismo operou e opera muito além da necessidade de desenvolver uma nova economia para o país. O turismo foi, também, objeto da doutrina de segurança nacional, que naquele momento visava manter a “integridade” do país, com a construção de uma identidade nacional, e foi capitaneado por este mesmo objetivo, por meio das ações da EMBRATUR.

Com o material promocional resgatado compreendeu-se de forma parcial como a região Nordeste foi retratada pela EMBRATUR, chegando a duas temáticas principais, a religião de matriz africana e a culinária. Como os assuntos tratados não são meros acasos, foi investigada a relação da ditadura com essas temáticas. O objetivo central foi entender com elas foram utilizadas para fomentar a ideologia pregada pelo regime militar.

Essas imagens escondem que a relação entre turismo e identidade nacional são mais próximas do que se imagina, e que o turismo pode ser assumir a função de ferramenta

ideológica de governos. No caso estudado, a seleção de fotografias sobre religião de matriz africana e culinária se revelam como elementos da construção de uma brasilidade fragilizada naquele momento pelo contexto do regime militar vigente. Elas foram utilizadas como forma de reforçar a ideia de miscigenação e o mito das três raças que formaram o país de forma pacífica. Assim, se constrói uma narrativa sobre o que seria de fato brasileiro, criando uma identificação para os próprios brasileiros e uma busca pelo exótico para os turistas internacionais.

Considerando o contexto da ditadura civil-militar, as imagens também escondem os horrores do regime, sobretudo ao fechar o plano das imagens. Elas servem a um propósito de criação de uma identidade e, também, de reverter a imagem exterior que o país possuía durante o regime. Tudo que não é interessante ao sistema é descartado. O estudo revelou a construção da promoção de um país belo, ocultando o cenário de brutalidade, censura e opressão. Sendo assim, o turismo jamais poderá ser estudado sem a devida análise do tempo e espaço em que se desenvolveu e se desenvolve. Somente a partir dessa compreensão é possível analisar de forma crítica suas ações e implicações.

Essa discussão não se encerra por aqui. Na verdade, deve ser uma porta de entrada para analisar a fundo como cada elemento utilizado pela EMBRATUR dialoga com a ideologia da ditadura e como o turismo sustentou esse discurso. Para além dos estereótipos desenvolvidos nesse período, é essencial a retomada do processo de seleção dessas imagens para promoção. Tomando-as como instrumento estratégico e não apenas atributos de uma promoção, considerando-as em seu contexto de produção e circulação e utilizando-as como forma de retomar uma história que muitas vezes deseja se apagar com a construção de novas narrativas do passado. Se uma imagem vale mais que mil palavras, é necessário saber por quem essas palavras são ditas e qual discurso elas carregam.

REFERÊNCIAS

ALFONSO, Louise Prado. EMBRATUR: formadora de imagens da nação brasileira. 2006. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

ARAÚJO, Maria Paula; SILVA, Izabel Pimentel da; SANTOS, Desiree do Reis. Ditadura Militar e Democracia no Brasil: história, imagem e testemunho. Rio de Janeiro: Ponteio, 2013.

BARTHES, Roland. Mitologias. 5ª. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2006.

BENI, Mario Campos, MOESCH, Marutschka. Do discurso da Ciência do Turismo para a Ciência do Turismo. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, (25), 9-30, 2016.

BENI, Mario Campos, MOESCH, Marutschka. A TEORIA DA COMPLEXIDADE E O ECOSSISTEMA DO TURISMO. *Turismo - Visão E Ação*, 19(3), p 430-457, 2017.

CRARY, Jonathan. *Techniques of the Observer*. Cambridge: Mit Press, 1990.

CUNHA, Ariana de Barros Ferreira. (2008). A imagem como arma: o uso ideológico das imagens de guerra [Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós Graduação em Artes da Escola de Belas Artes].

DA SILVA, S. K. M.; ALVES, M. L. B. Fotografias da “Cidade do Sol”: um registro de revelações e ocultações. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 456–475, 2014.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. 2 Ed. Campinas: Papirus, 1998.

ENDRES, Ana Valéria. *As políticas de turismo e os novos arranjos institucionais na Paraíba/Brasil* [Tese (doutorado), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis], 2012.

FRAGELLI, Claudia; IRVING, Marta de Azevedo; OLIVEIRA, Elizabeth. Turismo: fenômeno complexus da contemporaneidade? *Caderno Virtual de Turismo*, [S. l.], v. 19, n. 3, 2020.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e Senzala*. São Paulo: Global Editora, 2003.

GASTAL, Susana. *Turismo, imagens e imaginários*. São Paulo: Aleph, 2005.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2002.

GIL, Antonio Carlos. O delineamento da pesquisa. In: GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 2. ed. São Paulo: Atlas S.A, 1989. Cap. 6. p. 70-80.

GIUMBELLI, Emerson. Emerson Giumbelli. Dados: *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 51, n. 1, p. 75-105, 2008.

GUNNING, Tom. O retrato do corpo humano: a fotografia, os detetives e os primórdios do cinema. In: Charney, L. e Schwartz, V. *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. Buenos Aires: Biblioteca de La Mirada, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. 5. ed. São Paulo: Boitempo, 2005.

MAUAD, Ana Maria. *ATRAVÉS DA IMAGEM: fotografia e história interfaces*. Tempo. Rio de Janeiro, p. 73-98. 1996.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. Brasiliense. 1985.

PEREIRA, S. M. M. (2023). *O CONCEITO DA MISCIGENAÇÃO NA OBRA CASA-GRANDE & SENZALA DE GILBERTO FREYRE* [Monografia (Graduação), Curso de Ciências Sociais - Licenciatura, Chapecó].

SANTOS FILHO, João dos. Mitos e ladainhas do fazer turístico: apologia ao fetiche. In: *Anais do III Seminário Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*. 2006.

SANTOS FILHO, João dos. Ditadura utilizou a Embratur para tentar ocultar a repressão, a tortura e o assassinato. *Revista Espaço Acadêmico*, 84, 01–09. 2008a.

SANTOS FILHO, João dos. Ideologia e o fenômeno do turismo na sociedade contemporânea. In: *Anais do V Seminário de Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*, 2008b.

SANTOS FILHO, João dos. Bases teóricas do termo pós-turismo em Sérgio Molina. In: *Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul*, 2010.

SILVA, Maria Alice Siqueira Mendes e. Sobre a Análise do Discurso. *Revista de Psicologia Da UNESP*, 4(1), 16–40, 2005.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Fabíola Amaral Tomé de. Umbanda e Ditadura Civil-Militar. *Revista Angelus Novus*, São Paulo, n. 11, p. 13-32, 2 out. 2017. Universidade de São Paulo. Agência de Bibliotecas e Coleções Digitais.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. 3. ed. São Paulo: Sesc, 2001.

URRY, John; CRAWSHAW, Carol. Turismo e consumo visual. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, [S.I], v. 43, n. 4, p. 47-68, 1995.